

EDUCAÇÃO DO CAMPO E MEIO AMBIENTE: POSSIBILIDADES, CAMINHOS E INTERATIVIDADE.

Jacira Ferreira Nascimento

Estudante de Especialização em Educação do Campo – UESC
Professora do Ensino Fundamental II, nas cidades de Ilhéus – UESC
nascfnasc@hotmail.com

Siomara Castro Nery

Doutoranda em Educação pela UAA, Professora do DLA/UESC-BR, Membro do
GEPEDDEC-Grupo de Estudos Movimentos Sociais, Diversidade e Educação do Campo.
castronerysiomara@gmail.com

Arlete Ramos dos Santos

Doutora em Educação (UFMG; Professora adjunta do DCIE-UESB; Professora do PPGED-
UESC/UESB; Coordenadora do GEPEDDEC
arlerp@hotmail.com

Resumo: Este artigo, resultado de uma pesquisa de conclusão de curso de especialização em Educação do Campo realizado na Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC-BA, tem como objetivo apresentar algumas possibilidades de diálogo entre a educação do campo e a preservação do ambiente no âmbito escolar, levando em conta a interdisciplinaridade como forma de trabalhar conjuntamente. Para tanto, analisamos alguns documentos, artigos de periódicos e livros pertinentes à temática. Em seguida, apresentamos as vantagens do desenvolvimento de uma horta escolar para a prática de ações pedagógicas interdisciplinares cujos alcances repercutem na vida da comunidade externa. Trabalhar esse assunto no âmbito escolar pode-se mostrar bastante benéfico, visto que com essas iniciativas com os alunos tornam-se multiplicadores da mensagem de preservação e conservação do meio ambiente, principalmente em se tratando de escolas do campo. Ações afirmativas como essas ajudam a assegurar uma escola de qualidade seja na cidade ou no campo em busca de primar por uma qualidade de vida mais saudável.

Palavras-chave: Meio-Ambiente. Interdisciplinaridade. Horta escolar

Introdução

Desde a antiguidade a relação entre a natureza e a cultura vem passando por uma série de diferenciações. Filosofias humanistas inclinaram-se a proclamar a "superioridade" do homem em relação ao "reino da natureza" e, com isso, o meio ambiente passou a ser transformado pela "necessidade" humana, sofrendo, desde então, com as consequências dessas ações. Com o passar do tempo, as relações entre natureza e cultura têm se manifestado

nas concepções do patrimônio, que buscam apropriar-se de alguns programas e políticas públicas em prol dos bens culturais.

Partindo desse princípio, este artigo não só aponta algumas situações, as quais são consideradas prioritárias para a conservação do meio ambiente no âmbito escolar, intermediado pelo desenvolvimento sustentável, como também reforça a possibilidade de criação de horta escolar para garantir um meio sustentável para uma alimentação escolar livre de agrotóxicos. Partindo do pressuposto de que as políticas públicas afirmativas precisam ser organizadas pensando nas particularidades das escolas do campo, essa temática pode ser debatida e abordada em tópicos como: vida na escola, relacionamentos interpessoais, relação do aluno com o ambiente escolar no que diz respeito ao lixo por ele produzido e à diversidade dos ecossistemas presentes na escola.

Existem muitas formas de tratar essa temática no ambiente escolar, tais como: reciclagem de matérias; horta comunitária, agricultura familiar, consumo sustentável entre outros.

Ao propor, por exemplo, a possibilidade de descobrir o que é lixo, observando os diferentes tipos, realizar campanhas de conscientização, compreendendo e conhecendo o destino do lixo, bem como a execução de ações de como o lixo deve ser tratado, auxilia na promoção de atividades variadas que favorecem as relações entre comunidade escolar e demais pessoas da comunidade de entorno, pois todos fazem parte desse espaço físico e natural, que pode ser transformado positivo ou negativamente. Tudo isso irá depender da real utilização.

Com adoção de práticas com esse fundamento participativo e comunitário, é possível construir um espírito de fraternidade, de equidade e de justiça social e ambiental no ambiente educacional, e suscitar uma reflexão que constitua a superação desse modelo que requer, para a própria sobrevivência e perpetuação, a existência da exploração, da opressão e até da distorção de diferentes partes da maioria, no intuito de viabilizar o lucro de uns poucos sob o sacrifício da maioria. O sistema capitalista com seu modelo consumista desencadeia dentre outras situações a existência de um pensamento atrelado à falta de proteção do meio ambiente e ao desrespeito às questões ligadas à cultura, imputando o modelo predominante em nossa contemporaneidade, transformando os indivíduos em consumidores desenfreios e distantes de um espírito crítico para com a conservação e preservação do meio o qual os cerca.

Sendo assim, necessário se faz acompanhar as mudanças atuais, para assunção de compromisso pela defesa da democracia e preservação ambiental, assim como adotar novos

métodos relacionados à melhoria da qualidade de vida visando à participação ativa de todos – principalmente dos que atuam em instituições escolares na formação de novos cidadãos e podem, para isso, articular forças variadas, utilizando a interdisciplinaridade em busca da construção de um mundo melhor dentro e fora do espaço escolar. É preciso, para tanto, buscar uma forma de adotar atitudes que possam contribuir para o bem das pessoas, visando ao desenvolvimento ambiental.

O desenvolvimento ambiental

As mudanças ocorridas no mundo contemporâneo transformaram consideravelmente a humanidade. Atribui-se essa transformação aos avanços na tecnologia gerados em variados setores do nosso meio - seja na esfera social, política, econômica, seja nas ações culturais e científicas, dentre outras esferas de atuação humano – causando malefícios à sobrevida no planeta em que habitamos. Sabemos que, historicamente, a Revolução Industrial contribuiu enfaticamente para destruição do meio ambiente. Na década de 1970, surge a necessidade de debater a respeito da degradação e, conseqüente preservação, do meio ambiente. Desses debates são originadas algumas sugestões para preservação da natureza, através da utilização da educação ambiental voltada para interdisciplinaridade, de modo a minimizar os impactos negativos do desenvolvimento e da ação humana sobre a natureza.

É notório que no mundo globalizado a humanidade obteve acesso aos bens de consumo, aliados a simplicidade e passaram a consumir de acordo com a modernidade. Ao utilizarem eletrodomésticos, veículos automobilísticos, dentre outros objetos. Isso tudo, configura-se, a era da modernidade. Diante desse cenário, as conseqüências permearam entre maior consumo industrial e aumento da produtividade aliado à devastação do meio ambiente.

As mudanças no estilo de vida da humanidade geraram um consumo desordenado. Com isso, os países menos desenvolvidos começaram a urbanizar-se, atraídos pela modernização em todas as áreas. Além disso, os indivíduos passaram a enfrentar diversas problemáticas, tais como, desemprego, preconceitos raciais e sociais, por um lado, e hostilização por parte dos opressores governamentais com desvios das verbas públicas, por outro.

Nesse contexto de mudanças, é preciso atender não somente as necessidades do presente, como também garantir que as gerações futuras tenham acesso aos bens da natureza, possibilitando um ambiente saudável e ecologicamente equilibrado para todas as gerações. É

preciso, pois, pensar novas formas de desenvolvimento da economia sem prescindir da preservação dos recursos naturais, reduzindo, com isso, os danos ao meio ambiente.

Em outras palavras, esse desenvolvimento sustentável precisa levar em conta necessidades das gerações do presente e do futuro. Essa nova perspectiva em relação ao ambiente é um processo caracterizado pela harmonia entre o uso dos recursos naturais e a busca de ganhos econômicos, num processo dialético de longo prazo. Em assim sendo, “a sustentabilidade é um termo que expressa a preocupação com a qualidade de um sistema que diz respeito à integração indissociável (ambiental e humano), e avalia suas propriedades e características, abrangendo os aspectos ambientais, sociais e econômicos.” (FEIL; SCHREIBER, 2017, p. 674).

Nesse sentido, os meios de produção desempenham papel importantíssimo para garantir essa sustentabilidade através de atividades diversificadas que contemplem tanto os espaços urbanos quanto os rurais e melhorem a qualidade de vida, gerando o bem-estar da coletividade. Exemplo disso, a agricultura familiar configura-se como um meio propício para garantir o sustento alimentar sem comprometimento da terra e da natureza, visto que nesse tipo de agricultura é possível gerar emprego e renda através da articulação de redes de atuação (AQUINO, 2003). Além disso, ao priorizar as atividades da agricultura familiar é possível minimizar as condições precárias de moradia, índices de desemprego, a exclusão social, assim como o êxodo rural.

No âmbito das atividades pedagógicas, para obtermos esse tipo de desenvolvimento, os currículos escolares voltados para a sustentabilidade ambiental devem contemplar ações que visem o desenvolvimento da noção de cidadania em quaisquer etapas da formação escolar. Para isso, as unidades escolares precisam adotar a educação para o desenvolvimento sustentável, como também trabalhar com a interdisciplinaridade para contribuir com a melhoria da qualidade de vida, visto que a comunidade escolar é disseminadora nessa interação. De acordo com os PCN (2002), a interdisciplinaridade tem a função de resolver as questões sociais a partir de saberes úteis à vida dos aprendentes. Em outras palavras, “ela deve partir da necessidade sentida pelas escolas, professores e alunos de explicar, compreender, intervir, mudar, prever algo que desafia uma disciplina isolada e atraia a atenção de mais de um olhar, talvez vários” (BRASIL, 2002, p.88).

Nesse sentido, o trabalho com temas relacionados ao meio ambiente integra as experiências de vida dos discentes e da comunidade escolar em questões atinentes a: criação de hortaliças no ambiente escolar, destinação do lixo, reciclagem, poluição, baixa qualidade

de vida, dentre outros fatores. Para Freire (1996), ao construir intervenções interdisciplinares, a escola assume essa missão de desencadear o processo de transformação social pela formação dos sujeitos para agir em sociedade. Segundo ele,

Tanto educadores quanto educandos envolvidos numa pesquisa, não serão mais os mesmos. Os resultados devem implicar em mais qualidade de vida, devem ser indicativos de mais cidadania, de mais participação nas decisões da vida cotidiana e da vida social. Devem, enfim, alimentar o sonho possível e a utopia necessária para uma nova lógica de vida (FREIRE, 1996, p.25).

Partindo desse princípio, a educação ambiental pode propiciar uma responsabilização individual e grupal em busca da conservação e convivência ambiental e socioambiental, como também sociocultural, de acordo com o espaço de vivência específica de cada sujeito, além de beneficiar a interatividade e a sociabilidade entre os sujeitos inseridos nesta realidade.

Em linhas gerais, a educação ambiental é ideal para alcançar a sustentabilidade, como fonte de produção, reconstruindo a inter-relação sujeito e ambiente em busca da melhoria em todos os aspectos da vida. Assim, cabe aos educadores definir práticas que contemplem a articulação das ações pedagógicas com ações de intervenção no meio. Em escolas do campo, essa possibilidade se apresenta de variadas formas – a exemplo da horta escolar – que pode integrar a natureza, o consumo saudável e a geração de renda.

A horta escolar - alternativa viável

A fim de desenvolver atividades relacionadas à sensibilidade e participação coletiva, levando em consideração a realidade atual, algumas Unidades Escolares precisam envolver a comunidade em seu entorno, entendendo que a busca da alimentação saudável e a conscientização integral dos alunos nesse processo é fundamental para alcançar sucesso em relação às ações que envolvem o cuidado com o meio ambiente.

Para tanto, a horta escolar surge não só como meio viável de desenvolver atitudes e competências relacionadas a essas ações, mas também como valorização da produção de alimentos livres de agrotóxicos, uma vez que a possibilidade de integração entre pessoas em prol de um bem comum – a horta escolar – e o respeito dos envolvidos pelo meio ambiente são fundamentais para se adquirir uma vida saudável porque a saúde [...] depende da pureza do ar que respiramos e da água que bebemos, e depende da saúde do solo a partir do qual são produzidos os nossos alimentos. (CAPRA, 2002, p. 240).

Assim, para saciar as necessidades primárias como respirar, alimentar e sobreviver dignamente, todos precisam estar inseridos nos processos cíclicos da natureza. É preciso, para

tanto, reconhecer variedades de plantas comestíveis e suas utilidades, bem como valorizar a importância do trabalho e cultura do homem e da mulher do campo. É preciso, pois, contextualizar os conteúdos das disciplinas ministradas com a realidade campestre, tendo em vista que “[...] a prática educativa é tão interessada em possibilitar o ensino de conteúdos às pessoas quanto em sua conscientização.” (FREIRE, 1997, p. 56). Essa educação, proposta por Freire, patrono da educação nacional, [...] tem como base o diálogo, com uma linguagem que parte da realidade dos educandos, valorizando os saberes já produzidos e levando em consideração a concreticidade do cotidiano. (SANTOS; SOUZA, 2012, p. 243)

Morgado (2008) afirma que a utilização das hortaliças provenientes da horta escolar na alimentação faz sucesso, pois esta ação resulta do trabalho dos próprios alunos. Ações como essas dão um novo sentido ao trabalho realizado na escola, visto que ensinam aos alunos o valor de ações que podem repercutir no modo de pensar, no agir e na própria organização da sociedade. É preciso, pois, ser mais responsável quando se trata das grandes transformações do meio ambiente, posto que estas transformações podem representar danos para a natureza que podem responder com enormes catástrofes ambientais, todavia, quando o meio ambiente é utilizado de forma positiva todos os seres terrestres ganham respaldos benéficos.

Em outras palavras, o cultivo de horta escolar sustentável, os alunos quando tem a oportunidade de manusear o solo, descobrem o prazer de plantar os seus próprios alimentos e descobrem também seu valor como produtor. Em assim sendo, faz-se necessário refletir sobre a inclusão da educação ambiental nos espaços escolares, principalmente quando no que diz respeito às escolas do campo – cujo espaço físico, por vezes, é apropriado para o desenvolvimento de hortas escolares e podem suscitar o envolvimento da comunidade escolar e comunidade do entorno em busca de uma melhor qualidade de vida.

Em relação a esta proposta, Pimenta e Rodrigues (2011, p. 6), afirmam que:

É fundamental que se lance mão da educação ambiental na promoção de uma nova cultura alimentar nas escolas, fazendo-os conhecer a importância dos alimentos, da higienização desses alimentos, do valor nutritivo, sobretudo despertando gestores escolares, pais e alunos para a análise crítica sobre propagandas de produtos alimentícios pouco nutritivos, levando-os a consumir aqueles mais nutritivos.

A horta escolar torna-se, pois, um espaço usado nas dependências da escola para o cultivo de diversas hortaliças, visando proporcionar essas possibilidades para o desenvolvimento de ações pedagógicas, permitindo práticas em equipe, explorando a

multiplicidade das formas de aprender, tornando, assim, possível um meio interdisciplinar de trabalhar aliando as diversas disciplinas.

Partindo desse princípio, criar projetos para contemplar a horta escolar nas escolas do campo é de suma importância, visto que se configura como uma oportunidade excepcional para o público alvo valorar a localidade, uma vez que, esse envolvimento fará com que os atores dialoguem com os profissionais da educação, professores e familiares, desde o local a ser implantada a horta, os cuidados e o cultivo das hortaliças, dentre outras necessidades para que os alimentos cheguem à cozinha para o preparo da alimentação escolar.

Quanto a isso, Dias (2003) afirma que:

A produção de hortaliças pela horta escolar proporciona um melhor preparo da merenda escolar, que fica enriquecida com alimentos agroecológicos. Sendo assim, incentiva-se a vivência de bons hábitos alimentares que poderão ser incorporados através do processo ensino/aprendizagem aos familiares dos envolvidos. A ação educativa consegue sair do marco escolar alcançando a comunidade e fazendo com que os alunos tenham ação direta de participação. (2003, p.123)

Diante do exposto, a sistematização da ação desenvolvida de modo interdisciplinar manifesta-se tanto na análise quanto na produção de materiais de pesquisas - livros, revistas, páginas de Internet. Além das fotografias e vídeos de canteiros com hortaliças, dentre outros informativos pertinentes que permitam não somente a implantação do projeto, mas também a sistematização e divulgação dos resultados a fim de que o público-alvo adquira experiências e deseje expandir essa ação transformadora.

Considerações finais

Historicamente, vive-se o momento do triunfo da ideologia do trabalho que direciona os seres humanos para uma verdadeira guerra social pela sobrevivência e pela disputa por espaços e por dignidade, através do consumo e da obtenção de produtos saudáveis e sem nenhum tipo de agrotóxicos, tão pouco transgênicos. Por isso que implantar projetos voltados para horta escolar é um meio viável de consumir nesse espaço alimentos saudáveis, serve também, como fator incentivador para a comunidade de entorno poder plantar, cultivar e consumir produtos orgânicos.

Essa realidade, do ponto de vista pedagógico, obriga todos os educadores a assumirem uma nova postura propositiva, visto que cuidar do meio ambiente é dever de todos os seres existentes no universo, mas, sobretudo, é obrigação das Instituições Escolares, dos

pesquisadores e educadores suscitarem práticas que modifiquem o ambiente em que são desenvolvidas as atividades formativas e, com isso, repercutam nas práticas sociais.

Nesse sentido, na perspectiva de uma educação do campo transformadora e libertadora, a preservação ambiental e a criação de uma horta escolar podem resultar na formação de novos hábitos alimentares e numa nova relação dos educandos com a natureza, articulando os saberes escolares e as realidades da comunidade local. Como consequência dessa prática, processo de ensino e aprendizagem interdisciplinar gera cidadãos competentes, responsáveis e sujeitos da sua historicidade e capazes também de modificar positivamente o meio em que vivem.

Assim, as Instituições escolares interdisciplinarmente estarão primando pela qualidade de vida saudável com possibilidades de disseminar essas questões para comunidade de entorno visando uma melhor interatividade, além disso, haverá maior valorização as frutas, verduras e hortaliças, diminuirá o consumo dos produtos industrializados que são maléficos à saúde e certamente teremos a valorização do homem e da mulher do campo.

Referências Bibliográficas

AQUINO, M. S. Implementação da Educação Ambiental no Projeto Político Pedagógico para o meio rural. In: **XLI Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural**. Juiz de Fora: SOBER, 2003. CD-ROM.

BRASIL, Secretaria de Educação. Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Meio Ambiente e saúde**. - Brasília, 2002.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 17 ed., São Paulo: Saraiva, 1997.

CAPRA, F. **As Conexões Ocultas**. São Paulo: Cultrix, 2002.

DIAS, G. F. **Educação Ambiental: princípios e práticas**. 8ª edição. São Paulo: Guia 2003.

FEIL, Alexandre André; SCHREIBER, Dusan. Sustentabilidade e desenvolvimento sustentável: desvendando as sobreposições e alcances de seus significados. **Cad. EBAP.BR**, vol 14, nº 3, artigo 7, Rio de Janeiro-RJ, jul/7.2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 3ed. São Paulo: Cortez, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MORGADO, F. S. **A horta escolar na educação ambiental e alimenta:** experiência do projeto horta viva nas escolas municipais de Florianópolis, 2008 Disponível em: <http://www.extensio.ufsc.br/2008/ahortaescolar.pdf>. Acesso em 03 jul 2012.

PIMENTA, J. C.; RODRIGUES, K. da S. M. **Projeto horta escola:** ações de educação ambiental na Escola Centro Promocional Todos os Santos de Goiânia (Go). Goiânia: UFG, 2011.

SANTANA, O. A. Ciências Naturais, 7º ano: Manual do Professor. 5ª edição, São Paulo: Saraiva, 2012.

SANTOS, Arlete Ramos dos; SOUZA, Gilvan dos Santos. Um estudo das relações entre EJA e a Educação do Campo. **Revista Trabalho & Educação**. Belo Horizonte; FaE/UFMG, v.21, n. 3, 7./dez. 2012.